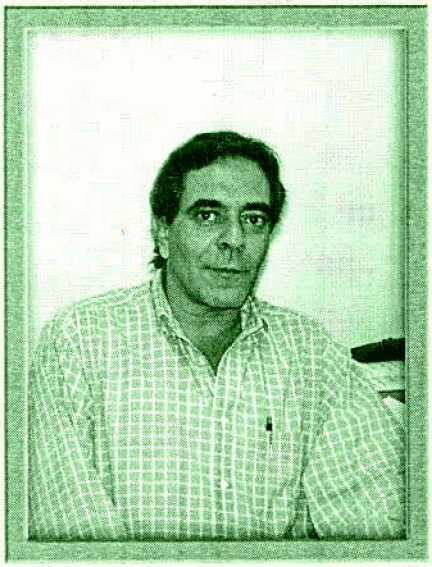
rização cambial poderá trazer benefícios duradouros para o setor produtivo nacional e o agribusiness em particular. No entanto, para que tais ganhos sejam alcançados, será preciso mais do que "sangue, suor e lágrimas", a começar por um ajuste fiscal rigoroso, sem procrastinações, o que parece ainda não estar na ordem do dia do poder público nacional.

Se der certo, ótimo

Se der certo, a liberalização cambial será um instrumento de promoção do crescimento econômico



Regis Alimandro
Redator-chefe de AgroanalysiS

O objetivo maior da recente liberalização cambial é a obtenção de resultados melhores na balança comercial, via estímulo às exportações e desestímulo às importações. Há um custo óbvio a ser pago – alguma inflação, pois os produtos transacionados com o exterior e os que se valem de insumos importados obrigatoriamente encarecerão.

Uma desvalorização bem-sucedida é a que promove mudança duradoura e em nível adequado na relação entre preços externos e internos da economia, em favor dos primeiros. Uma desvalorização malsucedida é aquela cuja alteração nos preços relativos se perde em razão da contaminação inflacionária, risco ao qual não estamos imunes.

Se lograrmos uma desvalorização bem-sucedida, ótimo para o agribusiness. É claro que serão favorecidos os segmentos que têm maior inserção comercial com o exterior, como café, soja, suco de laranja de um lado e milho, trigo e algodão de outro. Os segmentos cuja relação com o exterior é nula, como mandioca, por exemplo, serão prejudicados, pois haverá acréscimo de custo e dificuldades de repasse desses custos ao consumidor final.

Durante os quatro primeiros anos do Plano Real, alguns dos principais segmentos do agronegócio foram fortemente prejudicados pela chamada âncora verde. Café e soja, por exemplo, tiveram sua competitividade artificialmente rebaixada em razão da sobrevalorização cambial. Da mesma forma, segmentos cujo consumo doméstico é parcialmente atendido por importações apresentaram menor capacidade de competir com as importações. Em outras palavras, o Brasil reduziu sua produção de trigo, de algodão e de milho gerando perda de renda e de empregos, por razões artificiais – o nível da taxa de câmbio.

Se tivermos uma desvalorização bem-sucedida, este quadro terá mudado e haverá estímulos ao aumento da produção. Política monetária apertada e política fiscal austera são condições necessárias para que esse objetivo seja alcançado. Mas não são condições suficientes. É preciso que o impacto inflacionário ocorra de uma única vez, sendo rapidamente isolado. É preciso ainda que o país recupere sua credibilidade internacional, para que as linhas de crédito sejam normalizadas rapidamente; é preciso que a austeridade fiscal ocorra de fato, para que as taxas de juros possam rapidamente retornar a patamares civilizados. Ao contrário, seu impacto sobre a execução da política fiscal será suicida.

É preciso que a austeridade fiscal ocorra de fato, para que as taxas de juros possam rapidamente retornar a patamares civilizados.

Se isso tudo der certo, a liberalização cambial será instrumento adequado de promoção do crescimento econômico, do emprego e do bem-estar. Se der errado, teremos perdido não só o esforço do processo de liberação do câmbio como todo o longo período já percorrido em busca da estabilidade, que custou empregos, renda e tudo mais.